

!òùé

Márnei Consul

pragmatha

Ó
D
E

Márnei Consul

Porto Alegre
2013

pragnatha

R. Ivo Janson, 260, 302, Porto Alegre/RS
Fones 51 3398 0134 / 9949 6029
www.pragnatha.com.br
pragnatha@pragnatha.com.br

Edição
Sandra Veroneze

Diagramação e capa
Betina Palma

Contato
marneiconsul@hotmail.com

(Dados Internacionais de Catalogação na Fonte-CIP)

C755e

Consul, Márnei.

É uó! / por Márnei Consul. — Porto Alegre:

Pragnatha, 2013.

56 p.

ISBN 978-85-62310-53-9

1. Literatura Brasileira – Crônicas. 2.

Século XXI. 3. I. Título.

CDD: 22. ed. 869.85

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|----|
| Prefácio | 6 |
| Era rica então? | 8 |
| É preciso reconhecer a idade | 10 |
| Salário de fome | 12 |
| Cheirando cola ao som sertanejo | 14 |
| Suando na fila | 16 |
| 'Busão' partindo | 18 |
| Grossa no shopping | 20 |
| Chinelo | 22 |
| É você? | 24 |
| Golfando | 26 |
| Mais baixo, por favor! | 28 |
| To be or not to be? | 30 |
| Doença no busão | 32 |
| Ao vento | 34 |
| Só na motinho | 36 |
| “Ritlmo”? Só se for de festa | 38 |
| “Teacher” de mentira | 40 |
| Só isso? | 42 |
| Horóscopo: bobice ou não? | 44 |
| Aeromoço? | 46 |
| “Prender” a atenção | 48 |
| Terceira Guerra Mundial | 50 |
| A desgraça não é pouca | 52 |
| Surto | 53 |
| Sobre o autor | 55 |

PREFÁCIO

Ele é desbocado. Fala o que vem à mente doa a quem doer.

Enxerga o lado “podre” da sociedade como ninguém.

E essa sua visão “ácida” das pessoas, somada a sua imaginação extremamente fértil, faz com que seja uma pessoa maravilhosamente irreverente.

Conheci o Márnei Consul no ônibus da faculdade, quando íamos para a Unisinos. Ambos cursávamos Direito, mas este curso em nada combinava com a sua personalidade eminentemente “borbulhante”, tanto é que logo migrara para o curso de Letras. E foi onde se “achou”.

Muito dedicado e estudioso, de uma forma ou outra, era destaque. Mas uma coisa é fato: ele sempre foi diferente... sarcástico, debochado, inteligente, portanto, único.

E acaba imprimindo em suas estórias (ou seriam histórias?) e contos toda essa sua sagacidade.

E o conteúdo desse livro não é diferente: retrata situações, digamos, divertidas, constrangedoras, reais.

Então, é exatamente isso que a leitura deste livro trará para vocês: divertimento puro!

Marcélie Barcelos, advogada



Não julgar pela
aparência...



Era rica então?


Uma situação uó é imaginar que uma pessoa é pobre, mas, na verdade, ela é bem rica. Isso aconteceu com três amigos meus. Eles foram ao aniversário de uma tia de um deles em Porto Alegre e, dentre os presentes, havia uma mulher de aparência ruim, roupas bem simples, cabelo desgrenhado e vocabulário pobre.

Conversa vai, conversa vem, descobriram que a tisca trabalhava num importante cargo do Poder Legislativo de nosso Rio Grande do Sul. Trabalhava era modo de dizer. Vez que outra, dava expediente lá, pois já faltavam alguns anos para se aposentar.


Em dado momento, a falsa pobre diz que ninguém mais quer trabalhar na sua repartição, pois o salário-base está baixo: dois, três mil reais. Pronto: isso foi suficiente para um deles surtar. Como crer que, nesse Brasil de Deus e corrupção, alguém ache ruim essa remuneração?

Para encerrar a situação, ao saírem da festa, os três deparam-se com o carrão da rica. Foi o fim. Voltaram para casa se lamuriando, queixando-se do quanto eram pobres.

De fato, isso é uó!



Pergunte a uma
amiga (não
muito próxima) o
que ela acha da
idéia...




É preciso reconhecer a idade


Uó, com certeza, é achar-se sempre nova. Uma 'jovem senhora' pensa que nunca vai envelhecer, que seu corpo será lindo eternamente. É o que parece pelo que passo a expor.

Um amigo contou que a criatura pôs um biquíni em seu corpo já marcado pela idade, aprontou uma piscina de plástico nos fundos da casa e colocou uma lona de caminhão atrás dela. Após isso, muitos cliques foram feitos e, obviamente, postos nas redes sociais.

Nada contra às senhoras que usam biquíni. Mas, agora, fazer 'ensaio fotográfico' caseiro com cenário chulo e corpo já caído são coisas uó.




Vote em quem
tenha nível
superior de
ensino, ou
repense sua
faculdade...




Salário de fome

Definitivamente, fazer uma graduação com muito custo e emendá-la a uma pós para continuar na educação básica é uó!

Muito comum em nosso Brasil de irregularidades, muitos com pós-graduação recebem salários de fome para lecionar, enquanto cargos de confiança, que nada fazem, ganham gordas quantias e dão risadas dos 'estudados'.



Tenha sempre
bons fones de
ouvido com
você...




Cheirando cola ao som sertanejo

Fazer vários cursos de informática e idiomas e, por falta de opção, parar em uma fábrica de calçados, cheirando cola e escutando música sertaneja enquanto as 'colegas' cantam juntas, isso é mesmo uó!

Um amigo passou por essa situação. Graças a Deus (ou a não sei quem), hoje, não enfrenta mais tal situação. Relatava que não suportava mais o cheiro da cola e, principalmente, as outras funcionárias cantalorando sertanejo no trabalho. “Tinha vontade de atirá-las na esteira”, desabafava ele.




Aprenda a usar
o 'home banking'
do seu banco...



Suando na fila

Sempre tem uma conta que fica para a última hora. Você recorre a uma lotérica, esperando rapidez, mas...

Chegando lá, a fila está quilométrica, não cabendo mais no recinto. Solução: você vai para o fim e fica derretendo no sol, no verão de calores infernais do Brasil. Para piorar, chega um ex-colega de colégio de você, o qual você não vê há tempos. Então, ele lhe vê suando, esbaforido, de regata velha, etc. Uó!



Perca o ônibus,
perca o
compromisso,
mas não
banque o
atleta
correndo...



'Busão' partindo

Um conhecido foi pegar o ônibus (ou o ônibus iria pegá-lo?) e, como sempre, a criatura se atrasou. Sendo assim, quase na parada, o 'busão' vinha chegando. A pessoa saiu correndo para não perdê-lo.

No que isso resultou? O celular saltou do bolso no meio do trânsito, todos dentro do ônibus ficaram olhando e, para completar, o motorista ainda deu um pito no ser. Totalmente uó!




Escada rolante é
para pessoas um
pouco mais
evoluídas...




Grossa no shopping

Aconteceu com a mãe de um amigo. Grossa, coitada, a senhora nunca havia ido a um 'shopping center'. Extasiada, queria porque queria usar a escada rolante. O que ocorreu? Uó!

Ao colocar o segundo pé no aparelho, ele enganchou no degrau vindouro, e a sola do sapato se foi. Como disfarçar esse ocorrido? Não teve como. Todos viram, riram e nada fizeram para ajudar.




Cate um tênis ou
algo semelhante
antes de sair...




Chinelo

Grandes distâncias precisam ser pensadas antes de serem percorridas. De preferência, com calçado adequado, especialmente, tênis.

Mas, no furor da pressa, nossa personagem saiu de chinelos com tiras de borrachas já gastas. Depois de mais da metade do caminho percorrido, uma das tiras arrebentou. O que fazer? Lamentar, pois andar de pés descalços (sem ser na praia) é uó!



Repense o uso
de óculos...



É você?

Você curte muito uma pessoa e, na primeira oportunidade em que a vê, quer cumprimentá-la. Certo? Não.


Ao achar que reconheceu uma pessoa no banco, nossa personagem foi correndo cumprimentá-la, chamando por um nome. Ao chegar perto, não era a tal pessoa conhecida, mas sim uma bem desconhecida. Foi uó, claro, pois o banco inteiro ficou ligado na situação.

Nunca volte
àquela casa
noturna e evite
encontrar
quem estava
lá, pois você
será sempre
lembrado...


Golfando

Encher a cara é sempre uó. Mas, em festas, até que vai. Agora, encher a cara de estômago vazio e dançar enlouquecidamente não são coisas que prestam.

Em dada hora, nosso amigo começou a se sentir mal, tentou se dirigir ao banheiro, mas o tempo foi curto: a 'gorfada' (com 'r' para ficar mais feio) atingiu vários presentes.




Fique devendo,
mas não vá ao
banco
negociar.
Espere citação
judicial...




Mais baixo, por favor!

Endividada até não poder mais, minha amiga foi ao banco negociar. Fiquei sentado esperando-a. Que uó o atendimento...

Enquanto o funcionário ia explicando a situação catastrófica da vida financeira de minha 'inocente' amiga, os outros que aguardavam atendimento faziam caras e bocas por saber dos fatos. Ela ficou vermelha, nem falava mais, mas o bancário indiscreto continuava naquele tom alto de voz. E no fim, não havia buraco para ela se atirar dentro, ou para atirar o maldito funcionário.




Maybe, they
will never
learn. Give up
teaching...




To be or not to be?

Você leciona Inglês a uma turma por anos e anos. E você sabe que não é um mau professor. Mas, em dadas turmas, você sente vontade de se matar a cada aula...

Então, depois de acompanhar aquele grupo de alunos até o 3º ano do Ensino Médio, quando você passa um textinho (ou até uma frase), vem aquele aluninho e pergunta: “Professor, o que é 'is'”? Uó! Você não sabe se se enterra, ou enterra o aluno.



Sempre,
sempre finja
estar dormindo
no ônibus...



Doença no busão

No passado, já andei muito de busão. Hoje, nego-me a fazer isso. Mas o que relato aconteceu com um amigo bem próximo.

Ansioso por curtir uma balada em Porto Alegre, o vivente pegou um 'pinga'. Duas horas e quinze minutos na estrada. Ele queria sossego, mas não teve como ficar sozinho nos dois bancos.

Recebeu a 'visita' de uma queixosa senhora. Para não ser mal educado, deu 'boa noite'. Para quê? A velha passou a relatar as doenças dela e as da família até a capital. Uó!

Não volte; faça-se de louco.
Depois diga:
“Bah! Nem vi,
mas nem eram
coisas
importantes, não
tem problema...”
(Mentira, claro).

Ao vento

Esta foi comigo. Ao sair de casa, sempre com livros, papéis, pasta e outros apetrechos, abri a porta de trás do carro, apoiei umas coisas em cima dele, coloquei o que tinha de colocar dentro, fechei a porta e fui.

Que desgraça! Diversos papéis ficaram em cima do carro e, à medida que eu aumentava a velocidade, iam voando pela rua, sem eu perceber. Daqui a pouco, liga a mãe: “Márnei, ligaram da floricultura. Disseram que você passou de carro e que papéis voavam de cima do carro”. Uó!

E a vergonha de voltar o trajeto recolhendo os ditos cujos? Mas tive de fazer.



Cuidado com
os “titis”.
Sempre...



Só na motinho

Numa tarde de domingo, postei assim no Facebook:

“Ai, Deus! Tem um cara ensinando a namorada/mulher/amante a andar de moto aqui perto. E ele sai correndo ao lado dela. Não sei o que é mais engraçado: ela dirigindo, ele correndo ou eu na janela...”

Foi fato! E os comentários bombando na Internet, principalmente, pedindo fotos para registro da cena engraçadíssima. Não fiz, claro. Não porque não quis, mas porque eles poderiam se identificar na rede depois.

Torci para que a tísica caísse (e eu me mijasse rindo), mas não caiu. O máximo que consegui foi perceber que ela estava sem sutiã: pra cima, pra baixo, pra cima, pra baixo...



Não subestime
a inteligência
de um aluno...



“Ritlmo”? Só se for de festa...

Essa foi comigo.

Numa aula de Literatura, escrevi a palavra “ritmo” no quadro-negro (sim, o verde com o maldito giz que destrói as mãos). De pronto, uma aluninha do 1º ano do Ensino Médio disparou: “Professor, tem erro ali”. “Onde, fulana?” Ali, falta um “i”; o certo é “ritimo”. Uó!

Não consigo expressar em palavras como foi minha cara para ela. Depois de uns cinco segundos olhando-a, optei por ser polido na resposta: “Fulana, “t” é mudo”. “Ah, tá, professor, desculpa”.

Voltei a escrever o texto no quadro, segurando-me para não rir.



Leia seus
diplomas antes
de fazer alarde
com eles...




“Teacher” de mentira

Certa feita, uma professora de Inglês (eu imaginava que fosse até então) queria, porque queria puxar o tapete de uma amiga numa escola de Porto Alegre. Queria os períodos de Inglês dela de manhã a todo custo.


Então, alardeou que havia passado no concurso do magistério estadual e já estava exigindo turmas. Ao consultar a vida da criatura, descobriu-se que sua licenciatura era Língua Portuguesa apenas. Pobre anta. E ainda queria os períodos de Inglês.

E o circo foi armado todo sem haver as provas de títulos, na qual ela não obteve boa classificação.

Para fechar com chave de ouro, minha amiga encontrou-a na escola e armou “o” barraco. Aqui, não posso dizer que foi “uó”, porque foi o máximo!



Não seja
professor...



Só isso?

Essa foi comigo.

Numa conversa informal com um aluno de outra escola, este pergunta: “Professor, o senhor só dá aulas ou trabalha também?” Nem preciso dizer que fiquei louco da vida ao ouvir tal blasfêmia, mas, com calma, respondi: “Na verdade, eu educo alunos dos 6 aos 17 anos. Só isso”. Também não preciso dizer que o assunto morreu ali.

Isso, de fato, é uó do uó! Alguém achar que o trabalho de professor é brincadeira, quando, na realidade, em muitas, muitas vezes, fazemos os que os pais deveriam fazer...

Mas, agora,
preciso parar de
escrever, pois os
leoninos são
desbocados e
se continuar,
vou falar coisas
indevidas aqui...


Horóscopo: bobice ou não?

Seguidamente, vejo nas redes sociais pessoas colando definições de seus signos e dizendo que são daquele jeito mesmo. Às vezes, eu até conheço tais pessoas e sei que não são daquele modo, mas elas acreditam fielmente no contrário.


Quem não dá uma olhada no seu signo sempre que lê um jornal? Sim, todos fazem. Isso é comum, mas daí regrar suas vidas por aquilo, para mim, é bobice.

Há pessoas que, de manhã cedo, olham seus horóscopos, e tudo que acontece durante o dia é por conta dessa leitura. “É mesmo, estava escrito isso” ou “Viu? Meu horóscopo dizia isso para hoje” são frases comuns.

Gente, limitar-se a uma definição de horóscopo é fechar-se para as possibilidades inúmeras da vida. Você é mais do que um parágrafo de jornal, que nem sabe se é de ontem ou hoje. Quer dar uma olhada nas previsões do dia? Tudo bem, mas não se deixe regrar por elas. Isso é uó!



Quer voar,
voe, mas não
menospreze os
outros, esses
outros podem
ser mais do
que você...



Aeromoço?

Ainda existem pessoas completamente loucas para serem comissárias de voo. Vêem só o lado bom da profissão e deixam que o resto se exploda.

Um guria (de 20 e poucos anos), certa feita, saiu com essa: “Por que você não é? Vai querer ser professorzinho de Inglês para o resto da vida nessa cidadezinha?”

Normalmente, não sou polido numa resposta para um comentário desaforado como esse, mas dessa vez fui. Disse a ela que não consigo me imaginar sendo garçom de avião (nada contra a profissão, mas eu não me vejo nela), aturando passageiros que se acham no direito de tudo. “Se você está disposta a isso, boa sorte. Eu fiz graduação e pós-graduação para lecionar, não para servir bandejas”.

E o assunto morreu ali. Não nos falamos mais, a não ser cumprimentos educados.


Gente, quando forem criticar um professor, pelo menos, estejam também numa sala de aula. Do contrário, vocês falam ao vento, e o vento não contribui para a educação. Certo?

“Prender” a atenção


Definitivamente, eu odeio quando pessoas de fora da educação criticam o trabalho do professor. E o pior: quando pessoas que fizeram licenciatura fazem isso, sem nunca terem pisado uma sala de aula. Isso é uó!

Recentemente, fui obrigado a ler uma baboseira mais ou menos assim na Internet: “Talvez, seja o professor que precise desenvolver técnicas para 'prender' a atenção de seus alunos”. Nem preciso relatar que fiquei louco da vida. Mas por quê?

Quando leio isso (“prender” a atenção), depois de tudo que já fiz (e faço) na minha vida docente para atuar bem, a única coisa que me vem à cabeça é uma corda na sala de aula. Sim, uma corda para amarrar a atenção do aluno. Porque, no mais, já fiz tudo.



Se pensarmos
bem, ela não
estudou
ainda mesmo,
pois não
ocorreu. Aff...



Terceira Guerra Mundial

Eu estava trabalhando a música 'My love is your love', de Whitney Houston, nas aulas de Inglês. Em dada parte, a cantora fala de uma possível Terceira Guerra Mundial.

Comentando a letra da canção, perguntei a uma aluna: “Fulana, quando foi a Terceira Guerra Mundial?” Ela, prontamente, respondeu: “Não sei, professor, não estudei ainda”. Morri. Uó!

Como já dizia
uma amiga de
infância, pobre
nasceu para
sofrer. E ela
dizia mais:
desgraça,
para pobre, é
pouco.

A desgraça não é pouca

Depois de um dia estressante (como os demais), das 7h30 às 22h, retorno faceiro para casa na ânsia de comer algo e dormir. E o que está me esperando? Um cano estourado no banheiro e uma casa toda alagada. Uó do uó!

Abrindo a porta, fui entrando e senti-me como numa lagoa rasa; à medida que eu avançava, pequenas ondas se formavam. Foi de chorar! Mas, depois de alguns minutos atônito, reuni forças para enfrentar a situação. Com uma toalha de banho, recolhi seis baldes cheios. Após isso, meu corpo sedentário nada mais conseguia fazer. Suado, peguei uma roupa, tranquei as portas e fui para a casa de meus pais. Isso já era uma da manhã.

Na manhã seguinte, retorno com a empregada da mãe, devidamente autorizada para contornar o desastre. Em parceria, tudo ficou ok antes do meio-dia. Feito isso, como bom pobre, tive de sair para trabalhar. E não é que, depois de algumas horas, o mundo desaba em chuva. Ao voltar para casa, outra vez uó do uó: ela estava alagada novamente, mas agora devido ao temporal.

Juro. Era de se matar! Mais uma vez, a limpeza foi feita, e as coisas voltaram ao normal, claro, tirando alguns móveis tortos aqui, uma porta que não fechava ali, desgraças remanescentes.


Surto

Um aluno de Inglês perguntou quando eu iria surtar. Palavras dele: “Como o senhor aguenta três turnos, ir de uma escola para outra, aturar alunos indisciplinados que não querem aprender?”


Antes que eu respondesse, outra aluna interveio: “Tenho duas tias que já surtaram como professoras. Tomam remédio e tudo”. Em seguida, outra disse: “Acho que minha tia vai surtar em breve também”. Por fim, outro disse: “Sabe a professora Fulana, professor? Disse que não suporta mais também”.

E então, fez-se um silêncio, e a turma esperou por minha resposta. Pacientemente, disse: “Não sei quando irei surtar. Agora, estou dando conta, mas não sei até quando”.

Não sei se fico feliz ou triste com o ocorrido. Feliz, por ver que até os alunos percebem o quão sofrido é o ofício docente; triste, por eles reconhecerem que uma hora não daremos mais conta do recado. O que pensar?



Definitivamente,
isso é uó! Qual
a moral do
ocorrido? Que
este livreto deve
se encerrar.





Márnei Consul é licenciado em Letras – Português/Inglês (UNISINOS), tem especialização em Educação em Direitos Humanos (FURG) e curso de extensão em Formação de Tutores em EaD (POLO-SAP). Leciona Português, Inglês e Literatura em sua cidade, Santo Antônio da Patrulha. Antes de atuar na educação, trabalhou na imprensa patrulhense por cinco anos. Já escreveu quatro livros: Graças às desgraças; Do começo; Educação: um olhar de professor; e Vivências escolares de homossexuais.

Contato com o autor: marneiconsul@gmail.com.

Blog do autor:

<http://escritormarneiconsul.blogspot.com>.

O que é algo “uó”? Depende da pessoa, depende da abordagem. Para mim, algo “uó” é uma situação ruim, embaraçosa, chata. É, também, algo sem fundamento, algo de que não gosto e que penso ser inoportuno ocorrer.

Portanto, neste livro, preparem-se para ler conteúdos assim, totalmente “uó”. São fatos que aconteceram comigo ou que me foram contados, sempre com uma pitada de ironia e um pouco de “floreio” também.

ISBN 978-85-62310-53-9



9 788562 310539